
Como se dá (a) formação do analista?

*Matheus Miranda*²⁹

INTRODUÇÃO

*O fim do meu ensino tem sido e permanece, o de formar analistas.*³⁰

As questões, condicionadas pelo tempo e lugar, a respeito da formação do analista, são levantadas desde os primórdios da psicanálise. Sigmund Freud, com seu pensamento tipicamente científico, diz e se contradiz, volta atrás, descobre o que já estava lá, acrescenta notas de rodapé, pois percebe que sempre escapa algo. Mas o que escapa da formação do analista?

DESENVOLVIMENTO

Em *A questão da análise leiga: diálogo com um interlocutor imparcial*, quando questionado sobre qual seria a formação mais adequada para um analista, Freud responde:

²⁹ Graduando em Psicologia pela União Metropolitana de Educação e Cultura (UNIME) e Membro do Seminário Interdisciplinar de Psicanálise (SIPSI).
matheus07ms@hotmail.com

³⁰ Lacan, Seminário 11, p. 224

Sustentei e continuo sustentando, que não é aquela que a universidade prevê para um médico. A assim chamada função médica me parece um caminho tortuoso para a profissão de psicanalista, que, é verdade, proporciona muita coisa indispensável para o analista, mas também o sobrecarrega com muitas outras que ele jamais utiliza, e traz o perigo de que seu interesse e seu modo de pensar sejam afastados da compreensão dos fenômenos psíquicos. (Freud, 1926/2014, p. 220)

Freud, assim, nos alerta que a formação do analista não se dá através da instituição, mas começa, sobretudo, em sua análise pessoal. Isso não significa, no entanto, dizer que ao final da análise pessoal, se produzirá um psicanalista, pois o analista não é um "produto" que emerge ao final de uma linha de produção com uma montagem estabelecida, mas alguém que questiona sua posição frente ao desejo e ao não-saber.

Por outro lado, é notório que, se a análise é levada até o fim, pode promover efeitos importantes àquele que dela faz uso. Como descreveu Sándor Ferenczi em 1927, é possível observar, nesses analisandos, uma separação muito mais nítida entre o mundo da fantasia e o mundo da realidade. Essa distinção, obtida pela análise, permite adquirir uma liberdade interior quase ilimitada e, logo, simultaneamente, um melhor domínio dos atos e decisões (Ferenczi, 1927/2011, p. 19).

Esses efeitos, no entanto, não se produzem por uma correção adaptativa ou por uma aproximação do eu à realidade, mas por uma reorganização subjetiva em torno do desejo. É nesse ponto que a leitura de Jacques Lacan nos oferece um importante desdobramento: os efeitos de uma análise, longe de depender da neutralidade do analista, exigem que este se posicione como objeto a, causa do desejo.

No *Seminário, livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*, Lacan nos ensina que o desejo do analista só se sustenta a partir do lugar de objeto (a). Ao tratar da formação, ele afirma:

O desejo do analista, em cada caso, não pode de modo algum ser deixado fora de nossa questão, pela razão de que o problema da formação do analista o coloca. E a análise didática não pode servir para outra coisa senão para levá-lo a esse ponto que designo em minha álgebra como o desejo do analista. (Lacan, 1964/2008, p. 17)

Ao mencionar a análise didática, Lacan não se refere a uma estrutura de ensino formalizada, mas ao atravessamento subjetivo que conduz o sujeito à função de causa do desejo — ponto opaco e ético que nenhuma formação pode garantir. Isso leva a admitir que a formação não se constrói por um saber, mas pelo seu oposto: o não-saber, a falta operante, uma causa em

negativo. Nesse sentido, a formação não se organiza como um itinerário lógico, mas como um enredamento em torno daquilo que resiste ao saber. Tampouco é uma construção linear; é, antes, uma dobra, uma escrita simbólica na curvatura do real, no que escapa — ponto que apenas se sustenta na posição ética de sujeito não-todo.

Se a análise pessoal atravessa o sujeito, e o saber é abalado por essa travessia, o que fazer com a supervisão? Ela é, talvez, o lugar onde o resto da formação retorna, não como modelo, mas como lampejo, como tropeço a ser lido, mais pela posição que se sustenta do que pela intervenção que se faz.

Em seu artigo *Deve-se ensinar a psicanálise nas universidades?* Freud nos adverte:

No tocante à psicanálise, sua inclusão no currículo acadêmico seria motivo de satisfação para um psicanalista, mas, ao mesmo tempo, é evidente que ele pode prescindir da universidade, sem prejuízo para sua formação. Pois o que ele necessita teoricamente pode ser obtido na literatura especializada e aprofundado nas reuniões científicas das sociedades psicanalíticas, assim como na troca de ideias com os membros mais experientes. Quanto à experiência prática, além do que aprende na análise pessoal ele a adquire ao tratar pacientes, sob aconselhamento e supervisão de colegas já reconhecidos. (Freud, 1919/2010, p. 284)

A escolha do supervisor é algo tão pessoal quanto a do próprio analista. Afinal, "a supervisão é a análise continuada por outros meios" (Hermann, 2001, p. 122). Essa escolha pode se dar por afinidade teórica ou até mesmo por laços transferenciais. A supervisão, nesse sentido, é menos um lugar de ensino e mais um espaço onde algo da transferência se reinscreve, tanto do caso quanto do analista em formação. Sendo assim, está, portanto, longe de ser uma instância avaliativa ou corretiva. É, sobretudo, um lugar de sustentação da escuta do que não é dito, nem pelo analisando — nem pelo analista em supervisão.

A análise atravessa o sujeito, e a supervisão sustenta o que nela retorna. O que dizer do estudo teórico? A esse respeito, Freud oferece uma analogia valiosa em seu texto *O início do tratamento*, ao comparar o aprendizado da psicanálise ao xadrez:

Quem desejar aprender nos livros o nobre jogo do xadrez logo descobrirá que somente as aberturas e os finais permitem uma descrição sistemática exaustiva, enquanto a infinita variedade de movimentos após a abertura desafia uma tal descrição. Apenas o estudo diligente de partidas dos mestres pode preencher a lacuna na instrução. As regras que podemos oferecer para o exercício do tratamento psicanalítico estão sujeitas a limitações parecidas. (Freud, 1913/2010 p. 124)

De modo análogo, o estudo teórico na formação do analista é condição *sine qua non*, embora, por si só, não seja suficiente. Ele fornece as condições elementares — conceitos, estruturas, articulações —, mas não ensina o tato, elemento que Freud postula como constitutivo da interpretação. O saber teórico, nesse sentido, apresenta-se como um "saber" que se desfaz no território da clínica, exigindo do analista uma posição de escuta diante daquilo que, em cada caso, escapa ao saber estabelecido. É o que propõe Jean-Michel Vives (2023), ao afirmar: "O estudante aprenderá [...] algo da psicanálise [...]. Contudo, isso é obviamente insuficiente, posto que se trata menos de aprender algo da psicanálise do que de aprender algo pela psicanálise."

A teoria, portanto, não se reduz a um acúmulo de saber, mas diz respeito, sobretudo, à forma como se é afetado por ela. Trata-se de um saber que se constrói na própria experiência de análise. Como pontua Alexandre Patrício de Almeida: "O analista não se constrói sozinho, é fruto de um percurso institucional, de estudos compartilhados, de supervisões clínicas, [...] e principalmente de sua própria análise pessoal" (Almeida, 2023, p. 40).

Nessa linha, e dialogando com a clássica expressão de D. W. Winnicott, "isso que chamam de bebê não existe" (Winnicott, 1952/2021, p. 199), Almeida propõe: "Não existe isso que vocês chamam de formação" (Almeida, 2023, p. 40). Assim como o bebê só existe em relação com um outro que o sustente, a formação do analista se constitui no laço, na experiência compartilhada, nos efeitos do encontro e do diálogo com os pares. Não é, portanto, resultado de um percurso solitário, mas de um trajeto atravessado pela cultura, pela política e pela sociedade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A formação do analista tem vida própria. Não se encerra, não se garante, tampouco é passível de formalização. É atravessada pelo desejo, pelo furo e pelo não-saber. Antes de qualquer molde, trata-se de uma experiência ética, ocupada de forma oscilante ao longo do tempo, conforme a implicação subjetiva do analista em sua prática. Formar-se analista é, antes de tudo, sustentar uma posição diante daquilo que não se domina, não se totaliza, mas que, como o inconsciente, insiste.

A formação não obedece a marcos temporais precisos, nem tampouco a critérios de validação externos. A

temporalidade da formação do analista é da ordem lógica do tempo em psicanálise: tempo para compreender, tempo para se deixar afetar e um momento para concluir — que nunca se impõe fim definitivo.

Por isso, talvez a resposta à pergunta que dá título a este ensaio seja que a formação psicanalítica é, sobretudo, um trabalho para uma vida inteira (Naffah Neto, 2023, p. 114).

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Alexandre Patrício de. **A formação psicanalítica e a sua respectiva democratização.** In: ALMEIDA, Alexandre P. de (Org.). *Muito além da formação: diálogos sobre a transmissão e a democratização da psicanálise.* São Paulo: Blucher, 2023. p. 27-54.

FERENCZI, Sándor. **A adaptação da família à criança.** In: FERENCZI, Sándor. *Obras completas.* v. 4. São Paulo: Martins Fontes, 2011. p. 15-24. (Trabalho original publicado em 1927).

FREUD, Sigmund. **A questão da análise leiga:** diálogo com um interlocutor imparcial. In: FREUD, Sigmund. *Obras completas.* v. 17. São Paulo: Companhia das Letras, 2014. p. 99-172. (Trabalho original publicado em 1926).

FREUD, Sigmund. **Deve-se ensinar a psicanálise nas universidades?** In: FREUD, Sigmund. *Obras completas.* v. 14. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 284-287. (Trabalho original publicado em 1919).

FREUD, Sigmund. **O início do tratamento.** In: FREUD, Sigmund. *Obras completas.* v. 10. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 123-145. (Trabalho original publicado em 1913).

HERRMANN, Fabio. **A supervisão vista de baixo.** *Jornal de Psicanálise,* São Paulo, v. 34, p. 111-138, 2001.

LACAN, Jacques. **O seminário: livro 11 – Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise.** Rio de Janeiro: Zahar, 2008. (Trabalho original publicado em 1964).

NAFFAH NETO, Alfredo. **A instituição psicanalítica e as sociedades de psicanálise**: percursos e encruzilhadas num processo de tornar-se psicanalista. In: ALMEIDA, Alexandre P. de (Org.). *Muito além da formação: diálogos sobre a transmissão e a democratização da psicanálise*. São Paulo: Blucher, 2023. p. 95-114.

VIVES, Jean-Michel. **Não há formação analítica**. Tradução de William Zeytounlian. *Lacuna: uma revista de psicanálise*. Disponível em: <https://revistalacuna.com/2023/12/22/n-15-04/>. Acesso em: 14 jun. 2025.

WINNICOTT, Donald Woods. **Ansiedade associada à insegurança**. In: WINNICOTT, Donald Woods. *Da pediatria à psicanálise*. São Paulo: Ubu, 2021. p. 196-202. (Trabalho original publicado em 1952).